



«COMO UM PROCESSO TESTEMUNHAL»...  
RELANCES SOBRE A «FASE BRASILEIRA» DE JORGE DE SENA

Gilda Santos\*

*Para Teresa Cristina Cerdeira,  
em nome de passados testemunhos senianos  
e de outras passadas*

Em 27 de outubro de 1942, Jorge de Sena escreveu:

OS TRABALHOS E OS DIAS

Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro  
e principio a escrever como se escrever fosse respirar  
o amor que não se esvai enquanto os corpos sabem  
de um caminho sem nada para o regresso da vida.

À medida que escrevo, vou ficando espantado  
com a convicção que a mínima coisa põe em não ser nada.  
Na mínima coisa que sou, pôde a poesia ser hábito.  
Vem, teimosa, com a alegria de eu ficar alegre,  
quando fico triste por serem palavras já ditas  
estas que vêm, lembradas, doutros poemas velhos.

Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem.  
E os convivas que chegam intencionalmente sorriem  
e só eu sei porque principiei a escrever no princípio do mundo  
e desenhei uma rena para a caçar melhor  
e falo da verdade, essa iguaria rara:  
este papel, esta mesa, eu apreendendo o que escrevo.

(SENA, 1988: 83-84)

Em outubro de 2009, sento-me à mesa para escrever sobre o *testemunho* em Jorge de Sena, de Jorge de Sena. E o mundo inteiro desaba sobre mim. Porque Jorge de Sena é um mundo. Porque o *testemunho* é um mundo em Jorge de Sena. Porque há um mundo de textos sobre o testemunho de Jorge de Sena.

\*Professora de Literatura Portuguesa nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1976 a 2006 (aposentada). Vice-presidente do Real Gabinete Português de Leitura (Centro de Estudos) e coordenadora-geral do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras (PPRLB), da mesma instituição.





E esses textos empilhados sobre a mesa não me deixam respirar. E entristeço porque à medida que escrevo se esvai minha esperança de algum caminho para regressar ao *testemunho* sem usar de palavras já ditas. Mas a corrente que prende à mesa o poeta que principiou a escrever no princípio do mundo também me prende a ele e me obriga a desenhar letras, que fogem como renas, sobre este papel. Então, imaginando convivas que sorriem, teimo em tentar apreender mais sobre aquele que nos serve à mesa a iguaria rara de sua poesia... enquanto toma café em Creta com o Minotauro<sup>1</sup>.

Em 2009: 90 anos de Jorge de Sena, a 2 de novembro, se ainda estivesse entre nós. 50 anos, em agosto, do início de seu primeiro exílio geográfico, no Brasil. 28 anos do primeiro curso monográfico a ele dedicado, na pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, conduzido por sua amiga Cleonice Berardinelli. 10 anos de fundação, na mesma Faculdade, da *Cátedra Jorge de Sena*, que concebi e me empenhei em consolidar. 20 anos de meu doutoramento, o segundo sobre Jorge de Sena e o segundo no Brasil, tendo como tema sua única novela – *O Físico Prodigioso*. Ano zero da primeira publicação brasileira dessa novela, 45 anos depois de aqui ter sido escrita<sup>2</sup>. Ano zero do regresso de Jorge de Sena a Portugal, em trasladação solene, e de seu espólio, doado por Mécia de Sena à Biblioteca Nacional portuguesa.

Datas que aqui hoje celebramos, porque sua celebração nos dignifica. Porque celebrar Jorge de Sena é fazer justiça a um gigante da cultura em língua portuguesa.

Datas, locais... – Jorge de Sena sempre lhes deu relevo. São registros constantes nas páginas que assinou e que chamou de «diário poético». Pistas para lermos sua obra, entrecruzada com sua história pessoal e com a do tempo que lhe foi dado viver. «Para mim [diz ele], a data tem uma importância que parecerá ridícula e presunçosa a muitos. [...] Mas tenho para mim [...] que ao tempo só escapamos com alguma dignidade, na medida em que, sem subserviência, a tornarmos co-responsável dos nossos escritos» (SENA, 1988: 27).

Palavras que se leem no «Prefácio à 1.<sup>a</sup> Edição» de *Poesia I*, poucas linhas à frente daquelas onde, pela primeira vez, explicita seu conceito de testemunho, que é imprescindível relembrar:

É que à poesia, melhor que a qualquer outra forma de comunicação, cabe, mais que compreender o mundo, transformá-lo. Se a poesia é, acima de tudo, nas relações do poeta consigo mesmo e com os seus leitores, uma educação, é também, nas relações do poeta com o que transforma em poesia e com o acto de transformar e com a própria transformação efectuada – o poema –, uma actividade revolucionária. Se o «fingimento» é, sem dúvida, a mais alta forma de educação, de libertação e esclarecimento do espírito enquanto educador de si próprio e dos outros, o «testemunho» é, na sua expectação, na sua discrição, na sua vigilância, a mais alta forma de transformação do mundo, porque nele, com ele e através dele, que é antes de mais linguagem,



se processa a remodelação dos esquemas feitos, das ideias aceites, dos hábitos sociais inconscientemente vividos, dos sentimentos convencionalmente aferidos. Como um processo testemunhal sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que o sejam de facto. Testemunhar do que, em nós e através de nós, se transforma, e por isso ser capaz de compreender tudo, de reconhecer a função positiva ou negativa (mas função) de tudo, e de sofrer na consciência ou nos afectos tudo, recusando ao mesmo tempo as disciplinas em que outros serão mais eficientes, os convívios em que alguns serão mais pródigos, ou o isolamento de que muitos serão mais ciosos – eis o que foi, e é, para mim, a poesia. (SENA, 1988: 26)

Tantas vezes lido e relido, interpretado e reinterpretado, endossado ou mesmo descrito, talvez seja este «Prefácio» o paratexto mais famoso de Sena, dentre os muitos com que enriqueceu seus livros. Certo é que em nenhum outro conceituou tão longamente a cumplicidade entre poeta e poesia sob as coordenadas de tempo e espaço, sob a mediação das potencialidades da linguagem. Conceituação que ultrapassa o plano da poesia, e ilumina o conjunto de sua obra, posto que, considerando-se acima de tudo poeta, com olhar de poeta cultivou Sena muitos outros campos da escrita.

Tomando como bússola as palavras seminais desse texto programático – testemunho, metamorfose e linguagem, principalmente –, olhos estudiosos já mapearam vastíssimos continentes e mares senianos<sup>3</sup>. Territórios que abrigam criações anteriores e posteriores à própria formulação dessa poética testemunhal, pois de tudo que Sena produziu ressuma rara coerência interna, ou «fidelidade», se preferirmos termo que lhe é mais caro.

Também, dessa verdadeira súpula de *logos* e *praxis* que Sena empunhou como bandeira, já foram rastreados os antecedentes e as bases filosóficas. Assim, a dimensão ética e estética que integra sua concepção de *testemunho* encontra fontes mais próximas no pensamento europeu prestigiado ao tempo da Segunda Guerra e no pós-guerra, tomando Kierkegaard, Sartre e Marx como grandes paradigmas<sup>4</sup>.

Numa perspectiva especificamente portuguesa, não faltam também estudos a focalizar o embate Jorge de Sena *versus* Fernando Pessoa, «testemunho» *versus* «fingimento», o que se justifica por afirmativas como a de Eduardo Lourenço: «Ninguém de entre os poetas realmente importantes do período pós Pessoa, teorizou e exemplificou a prática poética com mais determinada responsabilização ética e gnoseológica do que Jorge de Sena» (LOURENÇO, 1984: 202). Porém, há quem enfatize uma «contaminação» entre os dois discursos de cariz teórico, para concluir pela superioridade pessoana, a despeito do reconhecimento consensual de ser a de Sena «a melhor revisão programática da poética pessoana na poesia portuguesa do século XX» (MENDES, 1999: 322)<sup>5</sup>.



Há ainda quem correlacione este famoso «Prefácio» ao manifesto «A poesia é só uma», também escrito por Sena, que abre a segunda série dos *Cadernos de Poesia*. Nesse programa de 1951 conclamavam-se poetas de diferentes idades e grupos – leia-se presencialistas e neo-realistas sobretudo – a superarem divergências e associarem-se a um comum projeto poético português, salvaguardando a qualidade intrínseca da poesia, fosse ela de tendência predominantemente esteticista ou predominantemente comprometida com o social. Lê-se aí:

A expressão poética, com todos os seus ingredientes, recursos, apelos aos sentidos, resulta de um compromisso: um compromisso firmado entre um ser humano e o seu tempo, entre uma personalidade e uma sua consciência sensível do mundo, que mutuamente se definem. Tudo o que não atinge este nível *não* é poesia. Surge assim a poesia como *una*, em face da não-poesia. (CARLOS; FRIAS, 2004: 6-7)

Também em trechos dos primeiros prefácios que escreveu – o do livro *As Evidências* (1955) e a longa introdução à 3.<sup>a</sup> série da antologia *Líricas Portuguesas* (1958) – encontramos afinidades com esse particular modo de pensar a poesia. A bem dizer, reiterando a tal «fidelidade» já mencionada, o *testemunho*, mesmo antes de ganhar espaço conceitual, já se encontra disseminado, em verso ou prosa, pela obra de Sena, desde seus alvares. Comprovação está no poema acima evocado, inquestionável *arte poética* dentre muitas mais que ora poderia listar. Mas o conceito em si também continuará a se ramificar até os derradeiros escritos de Sena, como bem atesta parte do discurso proferido quando recebeu na Itália o Prémio Etna-Taormina, em abril de 1977 – 14 meses antes de falecer:

A minha poesia nada tem de patriótica ou de nacionalista, e eu sempre me quis e me fiz um cidadão do mundo, no tempo e no espaço. É uma poesia que sabe de tudo e que se escreveu em toda a parte, desde a épica de Gilgamesh, até à falta de comunicação com que os poetas mais jovens de hoje fingem que não estão calados. É também a poesia de um homem que viveu muito, sofreu muito, partilhou a vida pelo mundo adiante, sempre exilado, e sempre presente com uma vontade de ferro. Mas é uma poesia que, sempre que se forma, não sabe nada, porque é precisamente a busca ansiosa e desesperada de um sentido que não há, se não formos nós mesmos a criá-lo e a fazê-lo. Quis sempre que essa poesia fosse o testemunho fiel de mim mesmo neste mundo, e do mundo que me deram para viver. Mas uma testemunha que cria no mundo aquele sentido que eu disse, e, ao mesmo tempo, deseja lembrar aos outros que há uns valores essenciais, muito simples: honra, amor, camaradagem, lealdade, honestidade, sem os quais a vida não é possível, e toda a poesia, por mais sábia que seja, é falsa. Uma testemunha de que, sem justiça e sem liberdade, as sociedades humanas não dão ao homem a dignidade que é a sua, e que ao poeta cumpre afirmar. Não uma testemunha passiva: mas activa. Porque é esse o papel da poesia. Pode ela ser panfleto, ou ser visão mística, ou ser sátira, porque ela pode ser tudo. (SENA, 2005: 205-206)

Entretanto, voltemos ao «Prefácio» para onde, como vimos, converge o que até então andava disperso e de onde partirão inúmeras ressonâncias. Repare-se



que é no ensejo da edição portuguesa dos seus quatro primeiros livros de poesia reunidos num único volume que Sena apresenta ao leitor sua trajetória de assumido poeta e fixa seu ideário, demarcando claramente um lugar para si no espaço cultural português, apesar dos oito meses já então vividos no exílio brasileiro. Por isso, penso ser altamente significativa a precisa indicação de local e data que conclui o aludido prefácio, precedendo, como num documento oficial, a assinatura do autor: *Assis, S. Paulo, Brasil, 27 de março de 1960*. Ou seja, a primeira formulação do *testemunho* seniano tem certidão de nascimento brasileira.

Mas será isso relevante? Talvez sim, talvez não. Todavia é mais um item na longa lista de inaugurais realizações ou vivências que o Brasil proporcionou a esse escritor *Nascido em Portugal, de pais portugueses, e pai de brasileiros no Brasil*<sup>6</sup>, que, numa palinódia biográfica ao poema, faleceu como professor norte-americano mantendo a cidadania brasileira.

No que concerne à produção literária dessa «fase brasileira» de Jorge de Sena, credite-se sua assombrosa explosão criativa, em altíssimo nível, ao clima de plena liberdade que então aqui se respirava, sob Juscelino Kubitschek de Oliveira, Jânio Quadros e João Goulart, em contraste com o ar viciado que Salazar impunha a Portugal.

Como poeta, assinou cerca de 120 poemas (a maioria nos livros *Metamorfoses*, *Arte de Música* e *Peregrinatio ad loca infecta*); como ficcionista, a quase totalidade de páginas do alentado romance *Sinais de Fogo*, a novela *O Físico Prodigioso* e 19 contos (de *Antigas e Novas Andanças do Demónio* e de *Os Grão-Capitães*). E ainda, duas peças teatrais (*A Morte do Papa* e *O Império do Oriente*), farta colaboração em periódicos e extensos ensaios – principalmente dedicados a Luís de Camões e Fernando Pessoa – conexos à docência acadêmica, que abraça nas então recém-inauguradas Faculdades de Letras de Assis e de Araraquara.

A par disso, não só neste primeiro exílio pôde exercer às claras uma postura política de oposição que na sua terra lhe seria vetada, como, decerto, também sob o efeito da distância crítica, aqui adquiriu uma visão mais abrangente do lugar ocupado por Portugal no contexto político mundial; em grande medida devido à sua adesão imediata ao grupo de intelectuais portugueses exilados em São Paulo que, em 1956, fundara o jornal *Portugal Democrático*, o qual, livre da censura, conseguia publicar matérias impensáveis para a imprensa portuguesa da época, graças a uma diversificada rede de contactos internacionais (isto é, exilados portugueses espalhados por vários países). Embora constituído por militantes de várias filiações político-partidárias, o antisalazarismo comungado produzia a necessária coesão e empenho, possibilitando a miraculosa vitalidade do jornal até 1975, ou seja, até pouco depois do «25 de Abril», quando obviamente perdeu a razão de existir.

Liam-se aí longos artigos de fundo sobre os rumos da repressão no caduco Estado Novo e da política externa portuguesa, em particular os concernentes ao



colonialismo em África. De autoria de Jorge de Sena contam-se 37 textos desse teor. E certo é que, mesmo depois de abandonar o conselho de redação do periódico, em 1963, ele não mais deixou de seguir de forma intensa e comprometida o noticiário relativo a sua terra, que o jornal, por vias transversas, lhe facultava.

Mas essas duas esferas de atuação, como tudo em Jorge de Sena, não eram estanques. Havia muito de literário nos seus artigos jornalísticos. Havia muito de político nos seus escritos literários. Prova incontestada é saber que grande parte da obra ficcional e algumas dezenas de poemas só puderam ver a luz depois da *Revolução dos Cravos*. E nessa simbiose, vejo uma das faces marcantes do testemunho: a vigilância expectante em demanda da dignidade humana. Symbiose que considero paradigmática na novela *O Físico Prodigioso*. Aliás, uma novela poética, como já foi muito apropriadamente chamada (AMORIM, 1996).

Nela, numa fantasiosa Idade Média, acompanhamos a trajetória de jovem e belo cavaleiro dotado de poderes mágicos, como tornar-se invisível ao usar um gorro vermelho, ou ser capaz de curar alguém com o seu próprio sangue – daí ser nomeado *físico* (e apenas assim, sem outro nome próprio), à maneira dos médicos medievais. Primeiramente, no castelo de D. Urraca, a quem o prodigioso físico salva da morte e restitui a juventude, sucedem-se tempos gozosos, nos quais convivem, às claras ou às ocultas, a dama, as cortesãs, o cavaleiro e um Diabo por ele apaixonado, mas mal correspondido. A inveja pelo sucesso alcançado, e pelas alegrias deste decorrentes, gera uma denúncia por parte dos preteridos doutores do castelo, levando a tribunal o jovem físico e sua amada. Transcorrem então tempos tenebrosos, conduzidos pelos agentes do Santo Ofício e narrados com corrosiva ironia: julgamento, condenação e morte do mártir altruísta. Ao fim, depois de grandes conturbações populares, e de fenômenos inexplicáveis, um novo físico desponta.

Sem contestar a declaração autoral de que o físico foi criado «como símbolo da liberdade e do amor» (SENA, 2009: 17), «sustentado pela força do amor que tudo manda, e pelo ímpeto da liberdade que tudo arrasa» (SENA, 2009: 21), a novela, graças também à forte atemporalidade resultante da mescla de tecidos intertextuais que entram em sua composição, é tida como um libelo alegoricamente perene contra todas as manifestações de injustiça que o homem produziu, produz e produzirá.

Mas ocorre que a novela também tem uma precisa certidão de nascimento – *Araraquara, Maio de 1964* – que, à maneira de uma *finda*, encerra e ilumina a novela. Se recordarmos que se trata do mês seguinte àquele do Golpe Militar, oficialmente datado de 31 de março, é de concluir que Sena escrevera sua novela no calor da hora<sup>7</sup>, sob o impacto das notícias, medidas e sanções que instituíam novo regime ditatorial no Brasil, e que, não só fizeram com que revivesse dolorosas memórias d'além mar, como o impeliram a deixar o Brasil e buscar novo exílio, desta feita na América do Norte.





«Como um processo testemunhal»... relances sobre a «fase brasileira»... 47

Assim relembrado o contexto da escritura, não parece despropositado relacionar o que lemos com as arbitrariedades que então se adensavam no país. Sobretudo a segunda parte, nos capítulos relativos ao processo contra o protagonista, delinea claro símile da «caça às bruxas», que, embora comum a qualquer tempo ou lugar onde impera o desmando e a desrazão, é perfeitamente exemplificado pelas dolorosamente próximas ditaduras do Brasil e de Portugal. De fato, entremeando alegoria e ironia, constrói Sena uma ácida imagem do despotismo disfarçado sob o manto da verdade e da justiça. Mas, ao fim, a revolta popular e a emergência de um novo físico encenam a crença humanista num mundo mais harmônico, mais digno – modo de ratificar a rasura do que é indesejado e exorcizar seus efeitos, como que prenunciando as aragens frescas da «Revolução dos Cravos» e das «Diretas já», ainda longínquas...

Mas Sena, simultaneamente ao captar à sua volta o advento dos anos de chumbo no Brasil, continuava alerta sobre o que se passava em Portugal. Assim, vale lembrar que o *Portugal Democrático* de abril de 1964 estampava as seguintes matérias: «Estudantes contra Salazar», «Solidariedade do Brasil às presas políticas portuguesas», «A PIDE anuncia novas prisões»... E no mês seguinte, além de fotos de espancamentos nas ruas de Lisboa, página inteira dedicada ao chamado «Processo de Beja», no qual «87 patriotas» eram acusados de implicação no malogrado ataque ao quartel do Regimento de Infantaria 3, de Beja, na madrugada que encerrava 1961 e abria 1962, tido como fulcro de uma projetada revolta civil e militar contra o regime. O julgamento, depois de muitos adiamentos, para os quais a negativa repercussão internacional do caso deve ter contribuído, foi finalmente instaurado a 23 de abril de 1964, sob protestos da opinião pública bem-informada e com vários «vícios» jurídicos denunciados, inclusive por uma carta enviada de São Paulo, com data de 7 de maio, ao Tribunal Criminal Plenário de Lisboa, cujos signatários representavam organizações portuguesas do Brasil, como a *Unidade Portuguesa*, o *Centro Republicano Português* e o *Jornal Portugal Democrático*. Pelo que se deduz, na crônica de tão conturbados anos da história novecentista portuguesa também não faltam «fontes de inspiração» para *O Físico Prodigioso*.

À luz desses dados, tocamos a vigilante «poética do testemunho», com que Jorge de Sena pautou sua obra. E talvez sua prodigiosa novela seja mais luso-brasileira do que faz crer à primeira vista.

oooOOOooo

Ainda sentada à mesa, agora nem triste nem alegre, vou logo levantar-me e despedir-me dos convivas, que, não sei bem se sorriem... Mas, intrigada, tenho pressa em ir até ao fundo da sala, onde me pareceu entrever uma figura de gorro vermelho, a tomar café com um Minotauro.



**Resumo:** Breve apresentação do conceito de testemunho, explicitado por Jorge de Sena no seu «Prefácio da Primeira Edição» de *Poesia I*, e exame de alguma produção seniana da «fase brasileira» (1959-1965), que o reforça e expande. Especial detença na novela *O Físico Prodigioso*, datada de maio de 1964, e em sua dimensão ética e política.

**Abstract:** Brief presentation of the concept of «testemunho», as mentioned by Jorge de Sena in his «Prefácio da Primeira Edição» in *Poesia I*, and a review of some senian production from his brazilian phase (1959-1965), which reinforces and expands it. Special attention given to the novel *O Físico Prodigioso* (The Wondrous Physician), dated of May 1964, and to its ethical and political dimension.

**Palavras-chave:** Jorge de Sena. Testemunho. *O Físico Prodigioso*.

**Keywords:** Jorge de Sena. Testemunho. *O Físico Prodigioso* (The Wondrous Physician).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMORIM, Orlando Nunes de. *O Físico Prodigioso, a novela poética de Jorge de Sena*. Araquara: UNESP, 1996.
- CARLOS, Luís Adriano. *Fenomenologia do Discurso Poético*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- CARLOS, Luís Adriano & FRIAS, Joana Matos (dir.) *Cadernos de Poesia – reprodução fac-similada*. Porto: Campo das Letras, 2004. (Fascículo 6 – Segunda série)
- «O Testemunho de Jorge de Sena.» In: *Românica*, n.º 7 Depto. de Literaturas Românicas da F. Letras da Univ. de Lisboa/ Ed. Cosmos, 1998, pp. 59-72.
- LOURENÇO, Eduardo. «Poesia e Poética de Jorge de Sena.» In: SEIXO, Maria Alzira (org.) *Poéticas do Século XX*. Lisboa: Horizonte, 1984.
- LOURENÇO, Jorge Fazenda. *A Poesia de Jorge de Sena – Testemunho, Metamorfose, Peregrinação*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1998.
- MENDES, Victor. «Fernando Pessoa e Jorge de Sena, segundo este último.» In: *Colóquio/Letras*, n.º 147/148. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, jan./jul. 1998, pp. 132-149.
- «Sobre Jorge de Sena a rever Fernando Pessoa.» In: SANTOS, Gilda (org.) *Jorge de Sena em Rotas Entrecruzadas*. Lisboa: Cosmos, 1999, pp. 315-331.
- SENA, Jorge de. *O Físico Prodigioso*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. (Prefácio, bibliografia e supervisão editorial de Gilda Santos.)
- *Poesia e Cultura*. Porto: Caixotim, 2005.
- *Poesia I (Coroa da Terra)*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- *Poesia III (Peregrinatio ad loca infecta)*. Lisboa: Edições 70, 1989.

<sup>1</sup> Alusão ao poema «Em Creta com o Minotauro» (datado de 5/7/1965), um dos últimos escritos no Brasil antes da partida de Jorge de Sena para os USA, publicado no livro *Peregrinatio ad loca infecta* (*Poesia III*).



- <sup>2</sup> SENA, Jorge de. *O Físico Prodigioso*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. (Prefácio, bibliografia e supervisão editorial de Gilda Santos.)
- <sup>3</sup> Neste trabalho de prospecção é incontornável referir todo o ensaísmo de Jorge Fazenda Lourenço, e, em particular, *A Poesia de Jorge de Sena – Testemunho, Metamorfose, Peregrinação* (1998).
- <sup>4</sup> Neste tópico, destaco, dentre outros estudos de vários autores, os de Luís Adriano Carlos, como *Fenomenologia do Discurso Poético* (1999) e «O testemunho de Jorge de Sena» (1998).
- <sup>5</sup> A frase é de Victor Mendes, à pag. 322 de seu texto «Sobre Jorge de Sena a rever Fernando Pessoa» (1999), que condensa o ensaio maior «Fernando Pessoa e Jorge de Sena, segundo este último» publicado em *Colóquio/Letras* 147-148 (1998).
- <sup>6</sup> São estes os versos iniciais do poema «Em Creta com o Minotauro» (vide nota 1), que assim prossegue: *serei talvez norte-americano quando lá estiver. / Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem.*
- <sup>7</sup> Inquirida sobre em quanto tempo Jorge de Sena teria escrito sua novela, a resposta de Mécia de Sena, em carta que me enviou, é a seguinte: «Francamente... não sei, mas mantenho a recordação de ter sido coisa de poucos dias... 2... 3...? O caso é que eu nunca perguntava a meu marido o que estava a escrever...»



